

## Wonder Woman: the subversion of the feminine in comics from the 1940s to 1950s

Mulher-Maravilha: a subversão do feminino nos quadrinhos das décadas de 1940-1950

Ana Kelma Cunha Gallas - UNIFSA<sup>2</sup>  

Data de Submissão: 08 set. 2020.

Data de Aprovação: 28 nov. 2020.

Data de Publicação: 31 dez. 2020.

**ABSTRACT:** This article is a theoretical study carried out through the literature review methodology, with the aim of analyzing the impact of the character “Wonder Woman”, created in 1941 by the American psychologist William Moulton Marston (1893-1947), in the conservative American society of his time. The aim of this article is to discuss theoretically about the contributions that this character brought to the feminist movement at the end of the first wave, as well as to discuss the opinions formulated about the character, taking into account the ideation about women in the patriarchal perspective. To discuss this character, who secured a place for women in the pantheon of the main heroes of the publisher DC Comics, we take into account a theoretical reflection on the sexual roles prevalent in the 1940s and 1950s in the United States. From feminist authors such as Simone de Beauvoir ([1949], 1970) and Catharine A. MacKinnon (1983-), the objectification of the female body and female emancipation in the conception of the character Wonder Woman is discussed.

**Keywords:** Wonder Woman. Feminist Movement. Society in the 1950s.

**RESUMO:** Este artigo constitui-se em um estudo teórico realizado através da metodologia de revisão de literatura, com o intuito de analisar o impacto da personagem “Mulher-Maravilha”, criada em 1941 pelo psicólogo norte-americano William Moulton Marston (1893-1947), na conservadora sociedade norte-americana de sua época. O objetivo deste artigo é discutir teoricamente acerca das contribuições que essa personagem trouxe para o movimento feminista no final da primeira onda, bem como discorrer sobre as opiniões formuladas a respeito da personagem, levando em consideração a ideação sobre as mulheres na perspectiva patriarcal. Para discutir essa personagem, que assegurou um lugar para a mulher no panteão dos principais heróis da editora DC Comics, leva-se em conta uma reflexão teórica acerca dos papéis sexuais prevalentes nas décadas de 1940 e 1950 nos Estados Unidos. A partir de autoras feministas como Simone de Beauvoir ([1949], 1970) e Catharine A. MacKinnon (1983-), discute-se a objetificação do corpo feminino e a emancipação feminina na concepção da personagem Mulher-Maravilha.

**Palavras-chave:** Mulher Maravilha. Movimento Feminista. Sociedade nos anos 1950.

### 1 INTRODUÇÃO

Na década de 1940, quando as ideias feministas eram amplamente combatidas pela

sociedade conservadora da época, uma personagem de quadrinhos chegou para questionar o papel destinado às mulheres de seu tempo. A Mulher-Maravilha (Wonder Woman),

<sup>1</sup> **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

<sup>2</sup> Mestre em Antropologia e Arqueologia. Professora do Centro Universitário Santo Agostinho. Pesquisadora dos grupos CNPQ SexGen e Comgenero. **E-mail de contato:** kelmagallas@outlook.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5948-1505>.

personagem criada pelo psicólogo norte-americano William Moulton Marston<sup>3</sup>, era uma guerreira da ilha de Themyscira<sup>4</sup>, lugar mitológico onde as amazonas<sup>5</sup> construíram uma sociedade matriarcal, num ato de rebeldia e insubordinação a sociedade dos homens. A partir desse conceito, a Mulher-Maravilha se tornaria rapidamente um ícone controverso da luta pela igualdade de direitos entre os gêneros, antiga reivindicação do movimento feminista desde o Século XIX.

Na produtiva indústria cultural da época, povoada de protagonistas masculinos, as mulheres ocupavam uma posição secundária – ora, como namoradas dos heróis, ora como vítimas de alguma situação problemática da qual deveriam ser resgatadas. Foi nesse contexto que a Mulher-Maravilha instaurou um discurso inovador.

### A Mulher na Década de 1950 nos EUA

A década de 1950 começou sob o impacto do lançamento de “O Segundo Sexo” (1949), obra de Simone de Beauvoir que influenciaria diretamente na consecução da segunda onda do feminismo, nos anos 60. A despeito da repercussão da obra de Beauvoir, a discussão sobre a igualdade de direitos entre homens e mulheres ainda era bastante incipiente na época.

Nos anos duros que se seguiram à Grande Depressão (1929-1939) e os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), muitos buscavam uma sociedade ideal para chamar de sua. Nos Estados Unidos, onde floresceu e prosperou a chamada Indústria da Cultura de Massa, o “sonho americano” era um produto como outro qualquer. Assim como o consumo, o casamento havia se tornado uma regra<sup>6</sup>. Na escola, jovens mulheres eram preparadas, com disciplinas específicas, como Economia Doméstica, para uma vida inteira confinada ao lar<sup>7</sup>.

Na profusa produção iconográfica dos anos 50, a ideia de domesticidade feminina enfocava, quase que, exclusivamente, as jovens mulheres brancas de classe média. As mulheres negras, bem como as latino-americanas, identificadas, sobretudo, como trabalhadoras braçais ou empregadas, não eram só excluídas da mídia, mas, sobretudo, das possibilidades do ensino superior e das especializações do mercado de trabalho (WEEKS, 2002).

Na publicidade, as mulheres brancas, de classe média, eram retratadas como donas de casa vivendo felizes nos subúrbios das cidades, personificando, por vezes, as “garotas de cabelos dourados” das mitologias do sul agrícola. Porém, o estilo de vida suburbano e passivo que era promovido pelas mídias escamoteava a inquietação por mudanças nos tradicionais papéis de gênero, presentes na década de 1950, e que uma década mais tarde explodiriam na chamada Revolução Sexual. Embora se contradiga a ideia de que as mulheres foram somente vítimas de um sistema patriarcal que vigorava à época, “os noivados universitários generalizados e a queda na idade do casamento eram sinais seguros de que a maternidade e o trabalho doméstico tinham se tornado santificados” (HALLIWELL, 2007, p.41).

O ideal de domesticidade feminina estava presente em todos os produtos da indústria cultural, da propaganda aos filmes, das séries de TV aos quadrinhos. Mas, embora houvesse um empenho midiático para que as mulheres se identificassem com esses papéis e evitassem o trabalho fora de casa, desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), elas constituíam uma grande parcela da força de trabalho<sup>8</sup> (WEEKS, 2002). Nos primeiros anos do Pós-Guerra, as mulheres eram 19 milhões de trabalhadoras (GOLDIN, 1991).

Paralelo a esse fenômeno, Halliwell (2007) descreve uma progressiva crise na masculinidade na cultura norte-americana dessa década, que

<sup>3</sup>Psicólogo americano também conhecido pelo pseudônimo de Charles Moulton, foi teórico feminista, inventor e escritor de quadrinhos, tendo criado a famosa Mulher Maravilha.

<sup>4</sup> Na Mitologia grega, Themyscira era uma cidade localizada na foz do rio Termodonte, onde ficava o palácio das amazonas.

<sup>5</sup> As amazonas eram uma tribo de mulheres caçadoras e guerreiras que teriam vivido na Europa oriental, conforme as narrativas da mitologia grega.

<sup>6</sup> Na década de 1950, a taxa de casamento nos Estados Unidos estava em alta e casar-se logo após o ensino médio ou durante a faculdade era considerado uma norma socialmente aceita.

<sup>7</sup> Na década de 1960, a obra *The Feminine Mystique* (A Mística Feminina), de Betty Friedan vai atacar diretamente a ideologia doméstica dominante nos Estados Unidos, correlacionando a casa de classe média a um “campo de concentração confortável”.

<sup>8</sup> Conforme um texto do Museu Nacional/EUA, sobre as mulheres na Segunda Guerra Mundial, haviam mais mulheres casadas do que solteiras trabalhando, e muitas delas eram mães. A escassez de mão de obra masculina durante a guerra criou oportunidades de emprego para mulheres na indústria e em fábricas que, até a guerra, tradicionalmente pertenciam aos homens.

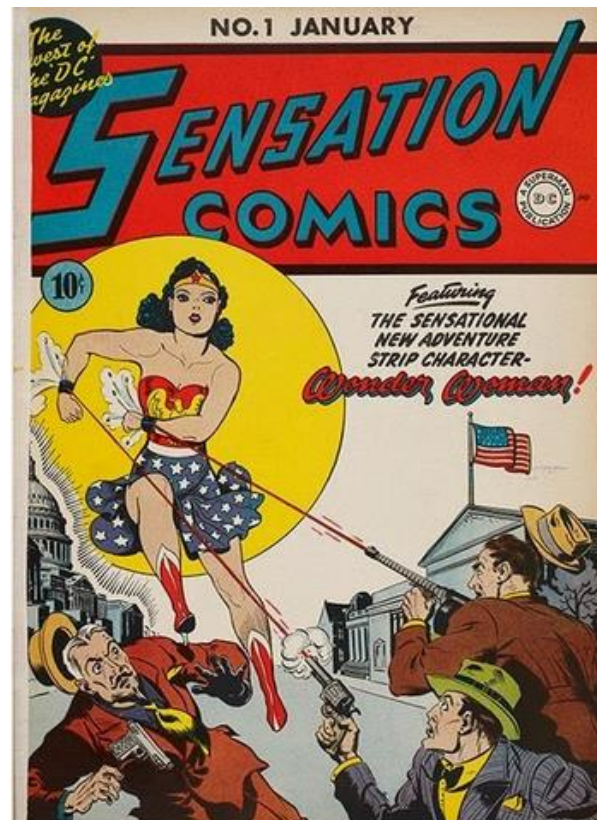
começa a despontar no cinema, onde os homens fracos, submissos e com graves crises de autoconfiança aparecem com frequência, embora as propaladas versões padronizadas de gênero e classe ainda predominassem. Na propaganda, as imagens autoconfiantes de inabaláveis homens-provedores, inseridos na cena doméstica, são vistos como “retratos satíricos da vida da classe média”, algo que a feminista da Segunda Onda, Betty Friedan, zombou na obra *“Feminine Mystique”*, publicada em 1963.

Para Halliwell (2007), se a masculinidade estava em crise no início dos anos 1950, é possível que as mulheres sofressem mais ainda com as imposições dos padrões de gênero, como ressaltaram a maioria dos textos sociológicos importantes da época, como os da antropóloga Margaret Mead, da escritora Mary McCarthy e da ativista dos direitos civis Jo Ann Gibson Robinson (HALLIWELL, 2007).

Assim, “enquanto muitas revistas retratavam a dona de casa como elegantes e glamorosas, as questões da sexualidade costumavam estar implícitas nos discursos sobre as mulheres” (HALLIWELL, 2007, p.41). Mas, embora a propalada (e desejada) pureza moral, o sexo estava em toda parte, marcadamente no cinema, onde as *sexys blondes* de Hollywood, como as atrizes Marilyn Monroe e Jayne Mansfield, se consagraram como ícones de uma geração. Nesse sentido, também se torna singular o rápido crescimento de revistas masculinas como a *Playboy* e a *Esquire*, que ofereciam um modelo de sexualidade ostensiva, sintetizado por Bettie Page, cujas imagens explícitas levaram as publicações a defenderem-se nas audiências anti-pornográficas de 1955 (HALLIWELL, 2007).

Ao longo da década de 1950, as mulheres seriam marcadas por esta dupla imagem: a da dona de casa dedicada, feliz com a vida doméstica, e a diva glamorosa e sexy, para qual a vida doméstica parecia impossível. Ambas imagens encontrariam sua síntese na Mulher-Maravilha: enquanto símbolo da pureza ética e da justiça, a Mulher-Maravilha era, sobretudo, a heroína hipersexualizada, paradigma que acompanhou a trajetória de muitas outras personagens na mídia.

Figura 1: Estreia da Mulher-Maravilha na Revista *Sensation Comics* # 1



Fonte: CULTI E POPI (2014)

### A Mulher-Maravilha no contexto dos anos 50

A Mulher-Maravilha, personagem criada em 1941 pelo psicólogo norte-americano William Moulton Marston (1893-1947) e desenhada por Harry G. Peter (1880-1958), apareceu pela primeira vez na revista *Sensation Comics*<sup>9</sup> # 1, em janeiro de 1942, mas foi apresentada em outra publicação, a *All-Star Comics* # 8, um ano antes. Desde sua primeira aparição, a personagem confrontava diretamente a divisão dos sexos baseada na hierarquia de gênero, trazendo um questionamento radical sobre a alegada fragilidade feminina:

Quase todos os super-heróis da idade de ouro (dos quadrinhos) eram homens. A grande exceção foi a Mulher-Maravilha. A princesa amazona, com super força, um

<sup>9</sup> *Sensation Comics* foi uma revista de história em quadrinhos estadunidense publicada pela DC Comics com 109 exemplares, lançados entre 1942 e 1953. Na maior parte das publicações a personagem protagonista foi a Mulher-Maravilha, que surgiu em *All Star Comics* número 8 de dezembro de 1941.



laço mágico e braceletes que desviavam as balas disparadas contra ela, viajava num avião robô invisível (desenhado como se fosse feito de vidro) também tinha uma identidade secreta, Diane Prince. Deve-se ainda mencionar o masculino equivalente à namorada do Superman, Lois Lane. Neste caso, o oficial do exército chamado Steve Trevor (CLARK; CLARK, 1991, p. 69).

Em um artigo para o jornal *New Yorker Sun*, em 2007, o jornalista Grady Hendrix (2007) informava que, antes de a Mulher-Maravilha surgir, em 1941, existiram outras super-heroínas do sexo feminino, "mas nenhuma delas tinha tido uma agenda tão ambiciosa quanto a que Marston deu a Mulher-Maravilha: mudar o mundo" (HENDRIX, 2007). O autor parecia convicto do papel pedagógico desempenhado pelos quadrinhos, uma cultura de massa que impactava diretamente milhares de crianças e jovens, especialmente nos EUA. Para ele, a Mulher-Maravilha era "a propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que, creio eu, deve governar o mundo"<sup>10</sup>.

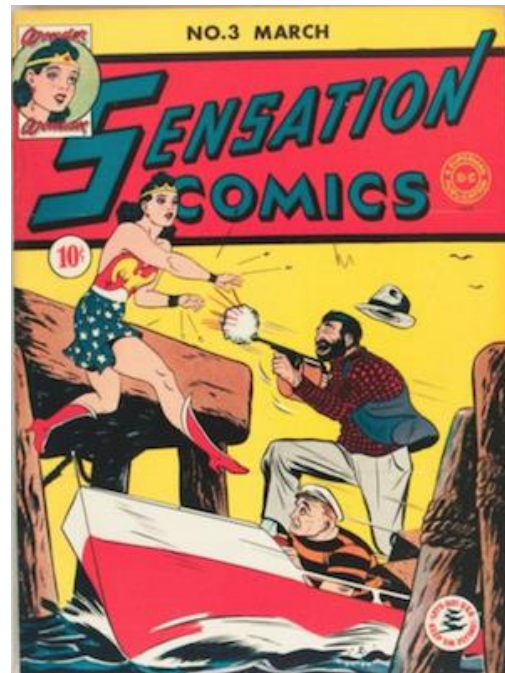
Nem as garotas querem ser garotas pelo fato de faltar força, vigor e poder ao nosso arquétipo feminino. As fortes qualidades das mulheres vêm sendo desprezadas devido à fraqueza delas. A solução óbvia é criar uma personagem feminina com toda a força do Superman mais a sedução de uma mulher bela e boa (MARSTON, 1940 apud ALMEIDA, 2016, p. 17).

Lepore (2014) também reflete sobre essa concepção que confronta a ideia de feminilidade como fraqueza, associando-a a fortaleza, a liberdade e a coragem. Para essa autora, a Mulher-Maravilha tinha um projeto: inspirar meninas a terem autoconfiança para conquistarem posições especialmente entre as profissões monopolizadas por homens, "porque a única esperança para a civilização é a maior liberdade desenvolvimento e igualdade das mulheres em todos os campos da atividade humana" (LEPORE, 2014).

No contexto da Segunda Guerra Mundial, a Mulher-Maravilha personificaria, ao lado de Batman e Superman, a trindade dos super-heróis da *Detective Comics* (DC) que, nos quadrinhos da década de 40, combateriam incansavelmente a

ascensão da ameaça nazista (ASHFORD; CURTIS, 2020). Como personagem, ela demonstraria inúmeras vezes seu apreço aos ideais democráticos, contrapondo-se às políticas autoritárias da Alemanha Nazista, do fascismo da Itália e do comunismo da União Soviética.

**Figuras 2 e 3:** Capas da revista *Sensation Comics*, onde a Mulher-Maravilha frequentemente enfrentava vilões armados



Fonte: SELL MY COMIC BOOKS (2015)

<sup>10</sup> Trecho extraído do artigo publicado em inglês, no jornal "The New York Sun", em 2007.

A heroína trazia diversos simbolismos que ressaltavam sua identidade nacional norte-americana. O seu uniforme, inspirado no do patriótico Capitão América<sup>11</sup>, personagem criado em 1940, especialmente para trazer ânimo e coragem aos combatentes da Segunda Guerra Mundial, traz elementos da bandeira dos EUA.

As armas de ambos também se assemelham: não são agressivas, mas defensivas. Enquanto o Capitão América traz o seu escudo, a Mulher-Maravilha ostenta um conjunto de adereços aparentemente inofensivos: um laço dourado, capaz de obrigar, a quem nele estiver preso, a falar a verdade (“o laço da verdade”)<sup>12</sup>; braceletes brilhantes, com os quais poderia repelir projéteis, e uma tiara, ornando a sua cabeça, que poderia assumir, por vezes, a função *boomerang*.

A sexualização da personagem foi progressiva, ocorrendo durante as décadas seguintes enquanto o prestígio da personagem crescia. O uniforme da heroína, uma saia plissada, foi substituído por um short comportado, e, depois, por um biquíni cavado e justo. O corpo jovem, magro e curvilíneo, com seios fartos e voluptuosos, começou a fazer parte de um visual fetichizado de muitas outras heroínas das HQs.

As personagens femininas são constantemente objetificadas e fetichizadas, vestidas de maneira que não seria efetivamente prática para o combate corpo a corpo, mas muito atraente, para remeter ao sexo. As poses são frequentemente anatomicamente inviáveis e desnecessárias para a progressão da história, porém extremamente sensuais e sexuais. As personagens masculinas representam o que o homem gostaria de ser, uma projeção ideal criada para estabelecer a ilusão de poder e masculinidade perfeita. Já as personagens femininas representam

o que o homem gostaria de ter, uma mulher interessante, poderosa e incrivelmente bela, a única capaz de se equiparar ao homem superpoderoso presente na construção da autoimagem masculina (ANDRADE, 2012, p. 72).

### As Amazonas e a insubmissão feminina

A controversa história das amazonas, citadas por autores clássicos como Platão<sup>13</sup>, evidenciam que essas guerreiras eram perseguidas por heróis como Hércules e Teseu justamente por não se sujeitarem às regras sociais da época, sendo consideradas uma ameaça ao ordenamento da sociedade grega patriarcal (ASHFORD; CURTIS, 2020).

As amazonas pertencem ao domínio da transgressão. Essas guerreiras mitológicas simplesmente desprezavam os valores femininos vigentes na Antiguidade. Por isso, os gregos as viam como um desafio a qualquer “lei natural” ou social. Mais ainda, como um mal encarnado e ambíguo, que causava repulsa e, ao mesmo tempo, seduzia os homens. De fato, elas tinham em si uma centelha revolucionária, capaz de virar pelo avesso todas as certezas da sociedade grega (SALLES, 2010, p. 56).

A crítica a insubmissão das guerreiras amazonas está muito presente na literatura grega, a partir do século VIII a.C. até os últimos anos do século IX a.C. "Na *Ilíada*, essas guerreiras são chamadas por Homero de *antianeira* (anti-homem). O prefixo grego *anti*, nesse caso, pode ter o sentido de 'contra' o homem, mas também de 'igual' a ele" (SALLES, 2010, p. 58).

<sup>11</sup> Capitão América, criado em 1940 por Joe Simon e Jack Kirby, é um personagem da Editora *Marvel Comics*, é considerado um dos maiores super-heróis que surgiram sob a bandeira do patriotismo norte-americano e que atuaram de forma significativa nas Histórias em Quadrinhos, durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Logo após o fim do conflito, o personagem caiu na obscuridade, sendo resgatado nos últimos anos do Século XX.

<sup>12</sup> As funções do laço da verdade são bem mais extensas: o laço obriga qualquer um por ele vinculado a dizer a verdade; no entanto, ele também foi usado para restaurar a memória, permitir o teletransporte, traduzir idiomas, remover ilusões, proteger aqueles a quem enlaça, ajudar a Mulher-Maravilha a mudar de roupa, entre outras funções. O laço se relaciona diretamente ao trabalho de Marston como psicólogo e com sua invenção, o detector de mentiras.

<sup>13</sup> O historiador Heródoto foi um dos primeiros gregos a se reportar ao mito das Amazonas, consagrando inúmeros capítulos da obra "*Investigações*" a essas mulheres subversivas. Foi esse historiador que deu sentido à raiva das Amazonas aos homens, contando como o herói Hércules seduziu e enganou a Rainha Hipólita, líder das guerreiras, a fim de tomar o seu cinturão, fazendo, em seguida, as amazonas como prisioneiras. Elas reagiram, de forma violenta, matando os oponentes e jogando os corpos no mar.

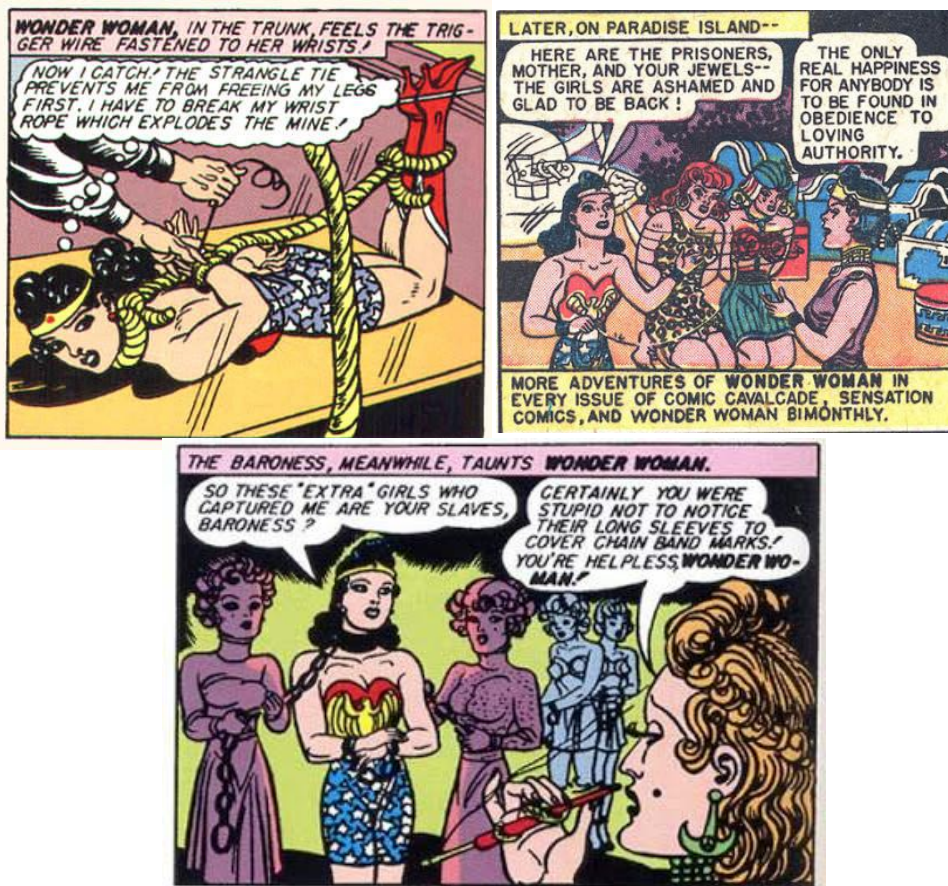


Nos séculos XVI e XVII, o termo “amazona” era usado para se referir ao incivilizado e perigoso “Novo Mundo”, ajudando a legitimar sua colonização. Como observa Clare Pitkethly (2012), a caracterização da Mulher Maravilha como uma amazona foi, portanto, uma inversão muito poderosa do tropo ocidental usual em relação à natureza da feminilidade e dos heróis/heroínas. Marston escolheu este termo precisamente porque já era usado entre as mulheres sufragistas e boêmias que ele conhecia. De acordo com Jill Lepore, o termo “Amazona” foi usado pelas primeiras feministas e se referia a “qualquer mulher rebelde” que se opusesse ao patriarcado. (ASHFORD; CURTIS, 2020, s/n).

As icônicas pulseiras da Mulher Maravilha, também conhecidas como 'Pulseiras de Submissão', representariam nos quadrinhos as memórias de como as Amazonas foram escravizadas por Hércules, e depois, libertadas por Afrodite, que então ordenou que elas usassem as algemas (pulseiras) como um lembrete da “loucura de se submeter à dominação dos homens” (ASHFORD; CURTIS, 2020, s/p).

Frequentemente em suas histórias, a Mulher-Maravilha aparece em desvantagem, sendo dominada, espancada e amarrada por vilões de ambos os sexos, situações marcadas por poses e manobras estéticas que evocam a prática sadomasoquista.

Figuras 4, 5 e 6: Mulher-Maravilha e as amarrações que evocam a “escravidão SM”



Fonte: SNEAKPEEK.CA (2017)

Marston acreditava que as mulheres eram socialmente construídas para obter prazer tanto na submissão quanto na dominação, tendo a capacidade de agir como agentes de mudança social ao se tornarem “líderes do amor”, dentro de um projeto utópico de “Reeducação Emocional” (ASHFORD; CURTIS, 2020). Mas, ao longo de sua trajetória nos quadrinhos, no cinema e na TV,

porém, a Mulher-Maravilha não teria êxito em fugir da objetificação, conceito que define a condição pela qual uma pessoa torna-se objeto, ferramenta para satisfazer as necessidades sexuais de um outro sujeito, perdendo o controle sobre si e de seus próprios desejos. Um objeto sexual é definido com base em sua aparência, em termos de sua usabilidade para o prazer sexual. Como afirma

Mackinnon (1983), a objetificação feminina adquire uma posição central na crítica feminista:

A perspectiva do ponto de vista masculino reforça a definição da mulher, envolve seu corpo, circunda sua fala e a descreve sua vida. A perspectiva masculina é sistêmica e hegemônica. O conteúdo da significação "mulher" é o conteúdo da vida das mulheres. Cada sexo tem seu papel, mas suas apostas e poderes não são iguais (MACKINNON, 1983, p. 635-636).

Para a autora, a heterossexualidade parece ser o equivalente para a erotização do domínio masculino e da submissão feminina. Para autora, a sexualidade, nos termos de dominação-submissão, esconderia as relações de poder que se manifestariam nas diversas formas de violência de gênero, o tráfico ou estupro de mulheres nos episódios de guerra.

Em termos mais simples, a sexualidade é violenta, então, se a violência é sexual, a violência contra as mulheres o é, duplamente. Se for assim, esposas são espancadas, bem como estupradas, como mulheres - conforme a ação, e como gênero, ou seja, como objetos sexuais. Segue-se ainda que todos os atos, de qualquer pessoa, que trata uma mulher de acordo com o rótulo "mulher", são atos sexuais. Até que ponto os atos sexuais são atos de objetificação permanece uma questão de nossa explicação de nossa liberdade de criar nossos próprios significados. É claro, em menos, que é a sexualidade centrada na genitalidade que distingue a agressão de estupro em exatamente a conjuntura que a lei, ao ver o estupro como violência e não como sexo, faz (MACKINNON, 1983, p. 651).

Conforme vai inferir a autora, se a objetificação sexual das mulheres é um processo social, a sua imposição diz respeito a um paradigma do poder masculino (MACKINNON, 1983, p. 658). Assim, os papéis estereotipados de gênero funcionaram como um discurso sobre a hierarquia entre os sexos.

## O Segundo Sexo e a Mulher, como o Outro da sociedade patriarcal

Uma das discussões iniciais sobre a objetificação feminina foi trazida por Simone de Beauvoir, em "O Segundo Sexo". A obra, de 1949, examina a noção de mulheres que são percebidas como "O outro" em uma sociedade patriarcal. No final dos anos 40, o feminismo vivia o esgotamento das propostas de emancipação feminina que marcaram a chamada Primeira Onda, quando então as questões giravam em torno das problemáticas das mulheres da classe média branca.

A ausência de uma gama mais diversificada de mulheres de diferentes etnias e de diferentes classes sociais, daria início a uma disrupturas dentro do movimento.

Quando, em 1949, Simone de Beauvoir escreve o livro "O Segundo Sexo", o objetivo era investigar as configurações da feminilidade. Na famosa frase: "Ninguém Nasce mulher; torna-se mulher" (1967, p.9), Beauvoir apresenta a ideia de que gênero é uma construção social e cultural, produzida historicamente.

Na obra, a filósofa argumenta que homens e mulheres são educados para atender a objetivos de vida bem distintos: enquanto mulheres são ensinadas a atenderem as necessidades dos homens, buscando frequentemente neles a validação de seu valor.

Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo 'eterno feminino' e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher? (BEAUVOIR, 1970, p.9).

Qualidades como "passividade", "apatia" ou "tranquilidade" foram associadas às mulheres, enquanto que os homens são quase sempre definidos pela "ação". Homens desempenham o papel de sujeito, ao contrário das mulheres, que são representadas como "objetos". Sujeito é alguém que age, enquanto que um objeto é algo que recebe a ação: é passivo, submisso e influenciado.

Dentro dessa lógica, as mulheres-objetos desempenham um papel na satisfação do sujeito e só têm valor enquanto parceiro sexual do sujeito.

Há na atitude dos homens de hoje uma duplicidade que cria na mulher um dilaceramento doloroso; eles aceitam em grande medida que a mulher seja um semelhante, uma igual; e, no entanto, continuam a exigir que ela permaneça o inessencial; para ela, esses dois destinos não são conciliáveis; ela hesita entre um e outro sem se adaptar exatamente a nenhum e daí sua falta de equilíbrio. No homem não há nenhum hiato entre a vida pública e a vida privada: quanto mais ele afirma seu domínio no mundo pela ação e pelo trabalho, mais se revela viril; nele, os valores humanos e os valores vitais se confundem; ao passo que os êxitos autônomos da mulher estão em contradição com sua feminilidade, porquanto se exige da "verdadeira mulher" que se torne objeto, que seja o Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 308).

No escopo de sua reflexão, Beauvoir questiona que, "aos olhos dos homens — e da legião de mulheres que veem por esses olhos — não basta ter um corpo de mulher, nem assumir a

função de fêmea para ser 'uma mulher de verdade'" (BEAUVOIR, 1970, p.307-308).

Mas, o que seria essa mulher de verdade? Para Beauvoir, a verdadeira mulher é aquela "que se aceita como Outro".

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Mulher-Maravilha, como a primeira super-heroína dos HQs, tem uma trajetória inequivocadamente vinculada à história do movimento feminista nos Estados Unidos, especialmente, entre 1940 a 1950, quando muitas mulheres lutavam por seus direitos no mercado de trabalho e por salários iguais, pela oportunidade de estudar, de votar e de serem votadas.

A Mulher-Maravilha subverteu os papéis estereotipados de gênero nos quadrinhos, quando os homens estavam posicionados como líderes e salvadores, poderosos e dominantes, e às mulheres estavam reservadas a figuração como "donzelas em perigo".

Embora a Mulher-Maravilha tenha simbolizado a insubmissão feminina aos valores da sociedade patriarcal, e uma mudança profunda no protagonismo feminino nos quadrinhos, na TV e no cinema, a sua progressiva representação fetichizada e hipersexualizada continua reforçando os estereótipos que objetificam as mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marília Guaragni de. **Por Themyscira e por todas nós: o uso dos quadrinhos na compreensão das questões feministas e de gênero**. 2016. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/1348>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- AMERICAN EXPERIENCE. **Mrs. America: Women's Roles in the 1950s**. 2015. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/pill-mrs-america-womens-roles-1950s/>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- ANDRADE, Ana Flávia Pereira. **Grande Hera! A representação do feminino na Mulher-Maravilha**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/4234>. Acesso em: 02 jun. 2020.
- ASHFORD, Theresa K; CURTIS, Neal. "*Wonder Woman: an assemblage of complete virtue packed in a tight swimsuit*". **Law, Technology and Humans - LawTechHum**, 2(2), 25, 2020. Disponível: <http://classic.austlii.edu.au/au/journals/LawTechHum/2020/25.html>. Acesso em 14 nov. 2020.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- CLARK, Alan; CLARK, Laurel. **Comics: uma história ilustrada** da B.D. Lisboa: Editora Distri Cultural, 1991.
- CULTI E POPI (2014). **Mulher maravilha: a verdadeira (e secreta) história da super-heroína**. Disponível em: <http://culti-e-popi.blogspot.com.br/2014/11/mulher-maravilha-a-verdadeira-e-secreta.html>. Acesso em: 19 jun. 2020.



FRIEDAN, Betty. *Feminine Mystique*. New York: WW Norton & Company, 2010.

GOLDIN, Claudia D. *The role of World War II in the rise of women's employment*. *The American Economic Review*, p. 741-756, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2006640>. Acesso em: 25 jun. 2020.

HALLIWELL, Martin. *American Culture in the 1950s*. Edimburgo- Escócia: Edinburgh University Press, 2007

HENDRIX, Grady. "Out for Justice". *The New York Sun*. Edição 11 dez. 2007. Disponível em: <http://www.nysun.com/arts/out-for-justice/67866/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

LEPORE, JILL. Mulher-Maravilha - a verdadeira história da Super Heroína. *Cúlti & Pópi*. 2014. Disponível em: <http://culti-e-popi.blogspot.com.br/2014/11/mulher-maravilha-verdadeira-e-secreta.html>. Acesso em: 13 Ago. 2020.

MACKINNON, *Catharine A. Feminism, Marxism, Method, and the State: toward feminist jurisprudence*. *Signs: journal of women in culture and society*. Chicago, p. 635-658, 1983.

SALLES, Catherine. As subversivas e sedutoras amazonas. *História viva*, São Paulo: Duetto, v.7, n.77, p. 56-59, Mar.2010.

SELL MY COMIC BOOKS. *Wonder Woman comics price guide: how much are yours worth?* 2015. Disponível em: <https://www.sellmycomicbooks.com/wonder-woman-comics.html>. Acesso em: 22 ago. 2020.

SNEAKPEEK.CA. *Professor Marston & the Wonder Women*. 2017. Disponível em: <http://www.sneakpeek.ca/2017/07/professor-marston-wonder-women.html>. Acesso em: 23 maio 2020.

WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its discontents: Meanings, myths, and modern sexualities*. Abingdon - Inglaterra: Routledge, 2002.

WWII. The National World War II Museum – New Orleans. *Gender on the Home Front*. Disponível em: <https://www.nationalww2museum.org/war/articles/gender-home-front>. 2015. Acesso em: 22 jun. 2020.

---

#### How to cite (ABNT)

GALLAS, A. K. C. Wonder Woman: the subversion of the feminine in comics from the 1940s to 1950s. *JOSSHE: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education*. v. 3, n. 1, p. 21-29, July/Dec., 2020. DOI 10.46866/josshe.2020.v3.n2.93